

GARIS: DESVENDANDO SEU UNIVERSO

STREET SWEEPERS : UNVEILING THEIR WORLD

Maria Esther Fernandes *

“Nem sempre os nativos, para falar, precisam que nos sentemos ao lado deles; mas nós, para ouvi-los, precisamos sempre”.

(José Moura Gonçalves Filho)

RESUMO: Este texto é fruto de uma pesquisa etnográfica, realizada com garis, na cidade de Franca – SP. O instrumento fundamental para a coleta de dados foi a entrevista aprofundada, com a utilização do gravador. Teve como objetivo desvendar aspectos do universo desses trabalhadores, tais como: perfil, constelação familiar, condições de vida e de trabalho, bem como valores e expectativas. A pesquisa revelou, entre outros dados, o quanto o ofício de gari é árduo, desvalorizado pela sociedade, alvo de humilhação, desprezo e discriminação.

Palavras-chave: garis. universo do trabalho. sobrevivência. discriminação social.

ABSTRACT: *This text is the result from an ethnographic study conducted with street sweepers in the city of Franca – SP – Brazil. The key tool for data collection was a detailed interview, which was audio recorded. The objective was to unveil aspects that are typical of the world of these workers, such as: their profiles, family constellations, living and working conditions, as well as their values and expectations. Among other things, the study has shown how demanding the job of a street sweeper is, and how undervalued it is in society in addition to being regarded with contempt, despise and discrimination.*

Keywords: *street sweepers. the world of work. survival. social class discrimination.*

INTRODUÇÃO

Este texto nasceu de uma vivência com “Fundamentos de Pesquisa em Psicologia III”. Como professora substituta dessa disciplina, no 1º semestre de 2009, propus aos alunos a realização de uma pesquisa etnográfica, a ser desenvolvida sob minha coordenação, com os garis de Franca. É preciso ressaltar que, graças ao envolvimento dos alunos com a coleta de dados, o presente trabalho frutificou.

* Socióloga. Mestre e doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Livre-docente pela Unesp-Câmpus de Franca. Pós-doutorado pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais- Paris – França.

Dois fatores, entre outros, pesaram especialmente na escolha dessa categoria de trabalhadores para o universo da pesquisa. De um lado, a obra de Costa (2004) chamou minha atenção para a necessidade de efetuar um estudo com o propósito de conhecer de perto essa categoria social esquecida, de investigar um tema, por assim dizer, marginal, pouco abordado pela literatura das ciências sociais.

De outro, a leitura de um texto de Bock (2003) veio reafirmar meu interesse pelo tema. Nele, ela fala da necessidade de uma reflexão sobre a tradição da Psicologia no Brasil, marcada pelo compromisso com os interesses das elites, cuja produção se traduz em ideologia, pouco afeita às determinações sociais, tendo como resultado “uma Psicologia de costas para a realidade social”, de cuja prática não faz parte a referência ao cotidiano das pessoas, a seus valores sociais e às formas de produção de sua sobrevivência. Prossegue afirmando que o fato da Psicologia ter se instituído em nossa sociedade moderna como ciência e profissão conservadoras, adotando uma perspectiva naturalizante de homem e de seu desenvolvimento psíquico, fez com que essa concepção afastasse as teorias das preocupações sociais. Apenas no decorrer dos anos 70, sob pressão das forças progressistas minoritárias, é que surge a Psicologia Comunitária, exigindo que a Psicologia se voltasse para a realidade social “como um princípio da construção da ciência e da profissão”. (BOCK, 2003, p. 21)

Também Martins (2008) discorre sobre a importância da pesquisa empírica e dos temas marginais que a Sociologia tem preterido. “Os sociólogos, em geral, têm se interessado mais pelos sistemas políticos do que pelos temas do cotidiano e da sociedade, das pessoas simples propriamente, que somos todos nós, o que não é bom” (MARTINS, 2008, p. 5).

Completando essa ideia, Souza (2006) inicia falando a respeito da “miopia da percepção social e fragmentada” da desigualdade social brasileira. Refere-se, também, aos “estados subjetivos da humilhação e mal-estar” a que determinadas classes de pessoas se veem submetidas em sua experiência cotidiana. Sendo assim, o objetivo de uma teoria social crítica na modernidade

periférica deve ser explicar por que os oprimidos e desclassificados sociais de toda espécie sentem humilhação e estão privados dos bens que a sociedade tecnológica apregoa como ao alcance de todos, mas dos quais só uma minoria privilegiada desfruta.

É propósito deste texto, portanto, tentar desvelar o universo de quem vive as condições perversas da precariedade e trazer à tona elementos da realidade “dos humilhados e ofendidos” que, segundo Ianni (1968), povoam o campo e a cidade.

1 A PESQUISA

Entrevistar alguém não é tarefa simples. Entrevistar cidadãos pobres inspira maior cuidado. Como estabelecer um diálogo entre estudantes de psicologia e garis?

O problema remete à distância social ou cultural que existe entre o universo do pesquisador que concebe o questionário e o dos respondedores. Esse dado pode ser fonte de distorção tanto na formulação da pergunta, por parte do pesquisador, quanto na compreensão da pergunta e na elaboração da resposta, por parte do entrevistado. Como consequência, se a interpretação dos dados colhidos não levar em conta o universo mais amplo dos pesquisados, cai por terra a veracidade das informações.

Thiollent (1980) já alertara para os desníveis de comunicação entre polo pesquisador e polo pesquisado, assim como para o complexo relacionamento que se estabelece entre o mundo dos sociólogos, dos intelectuais, das elites, e a realidade dos leigos, dos operários, dos camponeses, dos favelados. Chama a atenção para a relação entre o social e a linguagem e a necessidade de se conhecer o campo de experiência de onde brotou essa linguagem, para que os riscos de distorção sejam evitados.

Ecléa Bosi (1979), referindo-se aos elementos que cercam a cultura das classes pobres, evidencia que só poderemos compreender seu universo de vida se estivermos atentos às condições de existência e sobrevivência dos seus membros. E prossegue afirmando que só teremos uma compreensão aprofundada

da sua fala, se mergulharmos nos elementos que a circundam e a condicionam: o suor, a fadiga, a fome e a sede.

Mas a inflexão da voz que vem do cansaço, a sintaxe vaga que vem da fadiga crônica, o gesto de alongar o queixo e a cabeça para o caminho são expressivos em si. Em vez de restrito, seria mais próprio chamar conciso ao código que, na certeza de não ser comunicável, depõe “a priori” as armas do diálogo. (BOSI, 1979, p. 27).

Para contornar essas questões, com as quais se defronta o pesquisador na utilização dos instrumentos de coleta dos dados, tomou-se o cuidado de elaborar um questionário que contemplasse, na medida do possível, questões abertas, de modo a assegurar ao informante, dentro dos limites de uma entrevista, a possibilidade de utilizar sua própria linguagem e abordar seus próprios problemas.

Foi com esse intuito que se decidiu adotar, antecedendo a abertura do questionário, o que se convencionou denominar “questão motivadora” – “O que o senhor (a senhora) gostaria de contar sobre seu trabalho, sobre sua vida?” – com a intenção de despertar no entrevistado o interesse e o prazer de transmitir suas vivências a um outro. A título de registrar o resultado dessa estratégia, transcrevemos, a seguir, trecho de um depoimento que se seguiu a essa questão:

- O senhor poderia me contar um pouco de sua vida, do seu trabalho?
- *Mas falar do quê?*
- Do que o senhor quiser. Pode falar à vontade, eu gosto de escutar.

Eu estou com quarenta e sete anos e minha vida é muito boa, tenho muita saúde, trabalho até hoje, fiz muitos amigos aqui no meu trabalho, mas nem sempre foi assim tão calma minha vida. Lutei muito. Nasci em Franca, minha mãe sempre foi muito dedicada e trabalhadeira. Somos uma família de muitos irmãos, hoje todos espalhados, alguns eu não vejo há anos, outros já faleceram. Quando menino, comecei a trabalhar muito cedo, na lida

para ajudar meu pai. Meu pai era um homem muito bonito e inteligente. Naquela época, poucos sabiam ler e escrever, mas meu pai lia e escrevia muito bem.

Lembro que minha mãe gostava das roupas muito limpas, então, ela usava “quarar” a roupa e, às vezes, até fervia.

Meu pai lia para nós, ele que nos ensinou a ler e a escrever. Nenhum de nós conseguiu ter uma caligrafia tão bonita quanto a dele, e nem a inteligência..... Meu pai era um homem sabido pra burro. Tenho saudades dessa época..., mas agora eu também sou feliz, tenho dois netos, noras e genros que eu gosto muito, são carinhosos comigo e com a minha muié. Estão conseguindo estabilizar na vida, com muita luta. Hoje vejo meus netos que nem bobos na frente do computador.. Não sabem nada da vida, não brincam na rua. Têm medo de tudo... (...) Tivemos muita dificuldade na vida, necessidade de bens materiais, mas nunca faltou o que comer. Os filhos foram crescendo, minha muié sempre foi muito religiosa e começou a frequentar a paróquia. Tenho saudades de quando meus filhos eram pequenos.

Tudo na minha vida foi muito bom e gratificante e por isso só tenho a agradecer. Fiz muitos amigos nessa vida, fia... Cada um tem sua história e a gente aprende com todos eles. É muito bom sentir que a vida passou e que ainda temos coisas muito boas a viver, minha muié passou por um problema de saúde, fez uma cirurgia, mas a danada é muito forte. Está muito bem. Adoramos quando a casa está cheia com os filhos, netos, tudo que mostra que a vida vale a pena. Procuro me manter ativo neste emprego de gari.

Entre os desafios enfrentados em campo pelo pesquisador, há o confronto pessoal com um universo diferente do seu, onde existem outras lógicas, maneiras diversas de viver, sentir e perceber a vida. Em momentos como esse, é preciso estar atento a tudo o

que cerca a situação da entrevista: detalhes acerca do informante, particularidades da relação pesquisador-pesquisado, atenção para reter o essencial, inclusive os sentimentos que o invadem, o turbilhão de emoções que o assaltam, as inquietações, reflexões e os estranhamentos em face de um universo tão distinto do seu.

Para dar conta de tudo isso, as entrevistas não bastam. É, então, que o diário de campo assume sua relevância, cuidando o pesquisador de não deixar escapar do registro todas as nuances desse novo mundo que se coloca frente aos seus olhos. Pelas anotações do diário de campo, pode-se notar que os entrevistados não só estavam cômicos de estarem prestando um serviço aos estudantes, auxiliando-os na consecução da tarefa, como também se sentiam valorizados com a pesquisa:

Acho que é isso que tenho pra falar, moça. Agora, se quiser me perguntar mais alguma coisa, às vezes posso ajudar mais. Deixa eu falar mais alguma coisinha, vai ser rapidinho. Gostei bastante de você ter vindo fazer essa entrevista comigo. Tem muita gente que nem sabe que nós existe, sabe? Isso é bastante ruim, me deixa triste. Agora, acabo, só isso mesmo, moça.

Não são apenas os bons roteiros, previamente testados e aperfeiçoados que garantem boas entrevistas, mas a atitude ética em relação às pessoas pesquisadas. Nesse sentido, cuidou-se para que uma postura de respeito e transparência pudesse estabelecer com o entrevistado um clima de confiança que possibilitasse o fluir do diálogo. O estabelecimento dessa relação – essencial para a qualidade do encontro – não ocorre, porém, num primeiro momento, vai se fazendo aos poucos, lentamente, até que o pesquisador seja reconhecido pelo outro, e a descontração e a confiança sejam estabelecidas. Para tanto, é preciso dispor de tempo e paciência para, a cada um dos entrevistados, discorrer sobre as razões de sua presença entre eles, voltar-se para a arte da escuta. Só então se desencadeia o processo de permuta de saberes, podendo o pesquisador sentir-se autorizado a desvendar o universo do outro.

Nesse clima, o entrevistado assume seu papel de narrador, ou seja, instala-se nele o desejo de transmitir seu saber.

2 GARIS DE FRANCA: QUEM SÃO ELES?

A pesquisa foi realizada na cidade de Franca, no 1º semestre de 2009, com vinte e oito trabalhadores da categoria denominada “garis”¹, tendo como instrumento fundamental de coleta de dados a entrevista aprofundada, gravada ou não, realizada em local previamente escolhido pelo entrevistado: de modo geral, o local de trabalho, a praça da cidade, o interior de um edifício público ou um banco de rua, na hora da pausa para o almoço ou no final do turno diário, sempre de conformidade com o desejo do depoente, como registra um diário de campo:

Então, combinamos para a quinta-feira da mesma semana e ele me disse que poderíamos nos encontrar debaixo de uma árvore grande que ficava em frente à marmoraria onde ele guardava o carrinho e que seria fácil localizá-lo, pois ele estaria com uma bicicleta vermelha.

Dos vinte e oito entrevistados, apenas dez são do sexo masculino, os quais, junto com a maioria de mulheres, encontram-se na faixa etária entre 42 e 64 anos. São, portanto, pessoas maduras e, no que concerne ao estado civil, quase todos são casados, havendo dois viúvos e dois separados, e todos têm filhos (de 2 a 5), o que denota a necessidade de trabalharem para o sustento da família.

A religião predominante é a católica, e pelos relatos se pode notar que os que a professam são praticantes fervorosos:

Bom, sou casada né?! Tenho duas filhas, a minha filha mais nova tem 33 anos. Ela é catequista e minha netinha que tem 14 anos também já é

¹ Os garis são profissionais da limpeza que recolhem lixo de residências, indústrias e edifícios comerciais. Também varrem vias públicas, praças e parques. O nome lhes foi atribuído por causa do empresário Pedro Aleixo Gary, francês radicado no Rio de Janeiro, em 1859, que assinou, com o Ministério Imperial, o primeiro contrato de limpeza urbana no Brasil, em 11 de outubro de 1876, para organizar esse serviço na cidade do Rio de Janeiro.

catequista. Sou muito católica, adoro rezar. No meu tempo livre eu vou à missa, escuto músicas de Deus, isso traz uma paz enorme pra mim, fico sempre bem. Adoro ir na missa, no meu final de semana sempre vou, a família inteira vai. E também de assistir à missa, do Padre Marcelo Rossi, de manhãzinha, e gosto de assistir também a Canção Nova².

Apresentam baixo nível de escolaridade e se ressentem de terem sido privados da oportunidade de prosseguirem os estudos, o que lhes garantiria outro tipo de trabalho e, conseqüentemente, uma melhor remuneração, segundo estes depoimentos:

Todo serviço que a gente vai atrás, tem que ter 2º grau. A pessoa tem que estudar pra poder ser respeitado, né? Pra ser alguém na vida. Tem que estudar pra trabalhar num lugar mió. Sempre falo isso pros meus filhos.

Eu gostaria muito de voltar a estudar, sabe? Mas eu não tenho tempo. Chego, trabalho, trabalho, trabalho, e chego em casa, tenho que lavar louça, lavar roupa, arrumar a casa, lá também tenho muito serviço, né? Quando trabalhava como doméstica, a minha patroa sempre falava para que eu voltasse a estudar, mas eu não queria, não, na época eu escolhi fazer um curso de corte e costura. Achei melhor do que estudar, e agora não tenho mais tempo, também acho que tô velha demais, tenho 57 anos. Talvez, se eu tivesse terminado os estudos, não estaria na vida que eu estou hoje, catando lixo.

Com exceção de quatro deles que completaram o Ensino Fundamental, o restante não chegou a concluir o antigo primário, tendo cursado apenas até a 2ª ou 3ª série.

Entre eles, a maioria tem um passado rural, assim como seus ascendentes, e a justificativa para o não prosseguimento dos estudos foi a necessidade de trabalhar desde muito cedo para compor o orçamento doméstico, acrescida das dificuldades encontradas para a frequência à escola:

² TV Canção Nova – emissora católica da Fundação João Paulo II.

Ah, fia, porque era difícil, né? Morava na roça, era longe, hoje tem as van que leva e busca, mas naquele tempo não tinha, né?

Eu trabalhava mais do que estudava, e naquela época não exigia estudar, e eu tinha que trabalhar.

Porque não tive condição. Comecei trabalhar com 6 anos, tinha que ajudar em casa, a vida era muito difícil.

A escola era longe de casa, tinha que andar duas horas para chegar nela.

Porque desde pequeno meu pai me levava pra trabalhar com ele na fazenda.

Morava no sítio e a escola era no período noturno, dificultando a condução e, também, precisava ajudar o pai no trabalho.

Martins (1975), analisando o teor das representações dos sujeitos da escolarização no meio rural, em três regiões do estado (Alta Sorocabana, Baixa Mogiana e Alto Paraíba), chama atenção para o fato de que a escolarização de nível primário compreende uma fase da vida infantil que precede uma etapa crucial na formação da personalidade-status do sujeito, a saber: a do prosseguimento dos estudos ou, então a do ingresso na força de trabalho. A situação de classe de sua família irá determinar os limites sociais de sua mobilidade presente e futura e o desenrolar possível de sua biografia.

O período geralmente compreendido entre 8 e 10 anos de idade não foi, para a maior parte dos entrevistados, apenas o da escolarização. Foi também o do início do trabalho produtivo. A concomitância entre escolarização e trabalho assume, por outro lado, um caráter geral na experiência de vida dos que tiveram acesso à escola, independentemente de distinções fundamentais como a que se poderia fazer entre proprietários e não-proprietários, pequenos e grandes proprietários, arrendatários e assalariados

ou semi-assalariados. Mas, essa simultaneidade não é um evento do passado. Ela se constitui num dado de experiência de vida das crianças de ainda hoje no meio rural. A afirmação citada, de N.P., de que agora, com os netos, “é só na escola e vagabundeza”, constitui um julgamento crítico em relação às crianças que não trabalham e cuja “atividade útil” se resume na frequência à escola. (MARTINS, 1975, p. 86-87).

Como ocupação anterior, encontramos, entre as mulheres, trabalhos domésticos (faxina) e, vez ou outra, serviços variados – *“Vendi picolé, já catei café, fui doméstica, entregava panfleto.”* *“Trabalhei em fábrica, já fui faxineira, fiz doce e renda.”* Entre os homens, o trabalho na roça. Seus pais também, no caso dos homens, eram lavradores, e as mulheres se ocupavam dos afazeres domésticos, muitas vezes acrescidos da lida no campo.

Em relação à moradia, dezesseis deles vivem em casa própria, sete, em casa alugada e cinco, em casa cedida. Neste último caso, a situação é bastante precária. Moram em edículas, nos fundos da casa da sogra ou irmã, do amigo ou conhecido. Embora a maioria tenha sua casa própria, vale ressaltar que vivem em moradias com poucos cômodos (4 a 5), o que é desproporcional ao número de residentes (4 a 7 pessoas), como revela uma entrevistada cuja família é composta por quatro pessoas: *“Um quarto, sala de TV, cozinha e o banheiro, mas tem uma varandinha onde seco a roupa.”* Outra relata que moram seis pessoas em casa de apenas um quarto e acrescenta: *“Agora fez mais um.”* Uma outra ainda afirma: *“Construí minha casa em um terreno dividido com minha irmã. Tem um banheiro, uma sala e dois quartos, é bem simplesinha. São quatro cômodos para quatro pessoas.”* Às vezes, são seis pessoas morando em cinco cômodos: *“É pequena e bem simplesinha: tem uma salinha, dois quatinhos, cozinha e um banheiro para seis pessoas.”*

O sonho da casa própria é aspiração presente entre os que não a possuem, referendado nesta anotação de um diário de campo e, também, como resposta à questão “Qual seu maior sonho?”

Durante a conversa, outras garis, colegas de trabalho, foram se aproximando e escutando a entrevista. Algumas davam alguns palpites sobre algumas perguntas, como nas que abordam valores e expectativas, acrescentando à resposta da entrevistada e dando opiniões pessoais sobre o que aqueles valores representavam para elas. Um dos palpites foi sobre o maior sonho, que todas falaram que “*é realmente o da gente ter uma casa como a gente sempre sonhou*”.

Para os que moram em edícula cedida, “*Maior sonho, ter minha casinha*”. “*Maior sonho? Fazer uma casa na frente*”. Ou, ainda, concluir o que o orçamento não possibilitou até o momento: “*Acabar de terminar minha casa, colocar o piso*”. Muitas vezes, esse sonho se amplia. Busca, distante, sua concretização: “*Mudar de vida, morar no norte com minha mãe, ter minha casa própria*”.

Doraci Alves Lopes (1997), num estudo realizado sobre trabalhadores sem-teto, em que um dos objetivos foi investigar como se revelam suas vivências na “luta pela casa” e na “luta pela inserção social na cidade”, analisando o que ela denomina “ética do habitar”, concebe o conceito e a instituição “família” como sinônimo de “casa” e aí destaca o valor cultural de família nuclear, bastante arraigado entre as classes trabalhadoras do país, porém, dificilmente vivenciado pelos indivíduos por ela entrevistados. Assim, muitos foram obrigados a buscar, na ocupação urbana, a alternativa para viver a experiência da família nuclear, que não puderam ter por falta de condições para pagar aluguel.

Segundo ela, existe uma dimensão subjetiva, emocional, associada ao “teto”, tanto assim que, desde muito cedo, surge, nos desenhos infantis, a “casa”, símbolo do desejo constante cujo sentido mais profundo extrapola a mera função de “acolher corpos”. Nas palavras da socióloga:

[...] a busca constante de uma “casa” ou “teto” se traduz em símbolos de identidades individuais e sociais, que se manifestam em questões humanas essenciais (...). Por esta razão é tão comum, e quase sempre inconsciente, o desejo constante de uma “casa” durante toda a vida, desde os primeiros desenhos infantis. O indivíduo que nunca alcançar

uma casa-mercadoria, mesmo assim “habitará” alguma “casa” de sua imaginação, que nunca será a mesma ao longo da vida, modificando-se continuamente com as mudanças do próprio sujeito imaginante. Esta é uma das questões centrais para o entendimento dos movimentos sociais por habitação, muito embora pouco reconhecida socialmente, seja no plano do conhecimento, seja nos processos de organização política da sociedade civil ou no plano das políticas públicas. (LOPES, 2002, p. 199).

Poucos entrevistados são naturais de Franca, embora estejam nela enraizados há muito tempo. Vieram, às vezes na infância ou adolescência, mas principalmente na juventude, de outros estados, notadamente de Minas Gerais ou das cidades circunvizinhas e, em menor número, do Paraná, do norte e do nordeste. O motivo do deslocamento foi sempre a fuga do meio rural e a busca de trabalho na cidade, por eles próprios ou pelos pais:

Resolvi parar de trabalhar na roça e procurar um emprego na cidade.

Vim pra cá muito criança com meus pais que eram lavradores e cansaram da vida na roça.

Vim procurar trabalho pra ter uma vida melhor. (Uma doméstica, natural de Rifaina, aponta o motivo da vinda para Franca).

3 O UNIVERSO DO TRABALHO

A maioria dos garís que participou desta pesquisa conheceu o mundo do trabalho.

Desde muito cedo. Como resultado dessa premência, eles foram privados da possibilidade de frequentar a escola e, por extensão, de ser qualificados para ocuparem postos de trabalho mais valorizados.

Residem em bairros periféricos (Tropical II, Pelicano, Aeroporto e Leporace), e a locomoção para o trabalho é feita em

transporte público (ônibus), bicicleta ou a pé. Dependendo da distância entre a residência e o local de trabalho, consomem de 15 minutos a uma hora para cumprirem o percurso. Um deles relata que vai de bicicleta para o trabalho e demora cerca de 40 minutos no trajeto, chegando cansado em seu destino. *“No serviço eu chego 7h10, 7h15, por aí eu tô chegando, porque é uma distância longe, né? Então eu saio de casa 6h30 (pausa), então é mais de meia hora que eu demoro pra chegar, apesar de que o meu chefe não passa muito cedo, passa já quase 8 horas.”*

Trabalham 44 horas semanais, de segunda a sábado, cumprindo uma jornada diária de sete horas e trinta minutos, dispondo de uma hora para o almoço. Como a empresa que os contrata não oferece refeições, apenas a cesta básica, e tampouco dispõe de um local destinado a esse fim, fazem sua refeição em lugares públicos (escolas, museus) e até mesmo nas ruas.

Tem dias que eu como na casa dos colegas de rua, ou sento numa sombra... eu não gosto de incomodar.

Almoço por onde eu estiver mesmo, levo minha marmitta e como. Sento na calçada mesmo. Fico na sombra e almoço.

Eles mandam almoçar nas escolas, mas como os alunos fazem muita bagunça, comemos escondidos nas ruas, porque os chefes proibiram a gente de comer na rua.

A prefeitura, não sei se você sabe, tá deixando nós almoçar em um lugar público dela, eu almoço no museu, mas antes era na rua mesmo.

Tenho uma hora de almoço, aí eu almoço rapidinho. Eu levo marmitta e guardo aqui debaixo da lixeira, ó, na minha mochila.

Como foi ressaltado anteriormente, tomou-se o cuidado de priorizar questões que oferecessem ao entrevistado a possibilidade

de relatar o que ele considerasse importante, abrindo espaço para o fluir do depoimento. Assim, o entrevistador diz:

- Gostaria que a senhora falasse um pouco sobre as condições de trabalho dos garis, exatamente como a senhora estava falando ontem.

Bom, em parte das condições nossa de trabalho, tem coisa que assim, por exemplo, a alimentação: alimentação, na minha opinião, não pode carregar num carrinho de lixo. O pessoal tem que se alimentar no meio da rua, calçada, debaixo de uma árvore, eu acho isso desagradável também, né? As condições de trabalho que eu falo também, numa parte sobre a varreção. As pessoas que trabalham numa avenida, geralmente têm que trabalhar de duas pessoas, uma de um lado e outra do outro, porque no atravessar do outro lado pra varrer, o carro vem, e é aí que acontecem os acidentes, mas tá varrendo uma só... a vassoura mudou, em vez de ser uma vassoura só, agora é o vassourão, e tá muito pesado, principalmente pra mulher, muitas já tá com problema de coluna, o braço fica inchado, e também como que a gente vai varrer, num lugar, numa praça, numa avenida que tem muito movimento, com um vassourão? Os carros encosta numa beiradinha, e onde nós vai enfiar o vassourão ali? Mas eles querem que deixa tudo limpinho.

Com baixo nível de escolaridade, sem os requisitos necessários para ocuparem outras funções, trabalham como garis por falta de opção. Um deles relata que, caso tivesse oportunidade e estudo, gostaria de ser professor, pois sempre gostou da escola. Como a única chance que surgiu foi o trabalho atual, e necessitando do salário, embora pequeno, segundo ele, precisa se contentar com essa ocupação. Uma senhora relata que, depois de ter tido seu terceiro filho, e com uma casa em construção, onde apenas a laje estava pronta e as chuvas estavam danificando a estrutura, decidiu que precisava voltar a trabalhar e contribuir para a constituição da renda da família.

Outros depoimentos são reveladores dessa circunstância:

Serviço hoje em dia não é fácil. Foi o que consegui.

Trabalho como gari porque foi o que deu pra mim arranjar, né? Se pudesse, eu trabalhava por minha conta mesmo... mas como não dá, a gente dá graças a Deus por trabalhar assim mesmo.

Estava precisando, não tinha opção e precisava de ajudar o meu marido a construir a nossa casa.

Graças a Deus que a gente pode trabalhar, mesmo que catando a sujeira dos outros. Porque foi o que deu pra mim arranjar, né?

Quando indagado sobre qual profissão escolheria se pudesse ter outra, um dos entrevistados demonstra, em sua resposta, a consciência clara de que sua função não é valorizada pela sociedade, que existem distâncias bem marcadas, limites bem definidos entre o seu mundo e o de “gente chique”: *“Gosto dessa, mas talvez uma profissão de gente chique, mas não sei qual.”*

(...) na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe, e culminam num outro ponto de vista: literalmente, culminam num outro ponto do mundo de onde nova visão vai ver o que não via antes. (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 47).

Adentrar o local de trabalho possibilita ao pesquisador conhecer de perto as condições que cercam o ambiente onde a faina se desenvolve. É preciso chegar perto o bastante do lugar dos oprimidos para que seja possível estimar o que se vê no lugar deles. Essa proximidade abre espaço para reflexões que só surgem mediante esse deslocamento, mediante um redimensionamento do olhar.

Uma das entrevistas foi realizada no local de trabalho da funcionária, ou seja, no banheiro público do terminal de ônibus de Franca. Após anos varrendo as ruas do centro, ela era, agora, responsável por esse setor. Vale a pena transcrever parte do diário que registrou esse episódio:

Dentro das instalações do banheiro público, existe uma portinha que dá pra uma pequena cozinha, sem janelas e abafada, onde ficam um minifogão, para esquentar a comida, uma pequena pia, juntamente com os materiais de limpeza e almoxarifado. A cozinha, por ficar dentro do banheiro público, não possui um cheiro agradável, mas é ali que todas almoçam e descansam em seu horário de almoço. Ela me convidou para entrar e disse que ali seria o melhor lugar para conversarmos, por causa do barulho e do movimento do banheiro o tempo inteiro. Interessante ressaltar o valor que ela estava dando à entrevista. Ao chegar lá, percebi um papel em suas mãos, um pequeno rascunho com itens de coisas que ela tinha preparado para falar durante a entrevista. Ficamos apenas nós duas e mais uma gari, que estava deitada em uma fileira de cadeiras juntas, formando uma espécie de cama, na cozinha. Essa gari disse que iria descansar um pouco, pois estava com dor nas costas. Então, ficou lá, ouvindo a entrevista e, hora ou outra, dava alguns palpites.

Alguns estão na profissão há 18, 20 anos e, entre os aspectos positivos, destacam as amizades, os benefícios (carteira assinada, férias, 13º salário) e o fato de trabalharem ao ar livre. *“Amizade e lugar aberto, de trabalhar ao ar livre, sentir liberdade”*. Ou mesmo porque essa ocupação foi meio de suprir uma necessidade – *“Porque dá pra viver; hoje tá difícil serviço”*. – ou de concretizar um sonho: *“Porque construí minha casinha”*. A referência às amizades, entre os aspectos positivos, perpassa quase todas as respostas à essa questão.

Acho que prefiro esse, sabe por quê? Porque converso mais com as pessoas, sempre tem algum colega trabalhando junto comigo, fiz várias

amizades aqui, tenho amigo aqui da época que comecei trabalhar aqui, já faz quase 20 anos.

Aspectos positivos e negativos do trabalho se mesclam neste registro de uma entrevista:

A gari que entrevistei dizia estar satisfeita com seu trabalho, mas que, se pudesse, escolheria outra profissão, escolheria ser enfermeira. Ela diz que o que mais gosta no trabalho de gari, é ver a cidade pela manhã, pois já se acostumou e adora ver o nascer do sol todos os dias. E de ruim, ela diz que é o calor, o sol queimando o dia todo. Às vezes, eles ficam horas sem encontrar sombra para descansar. Diz, também, que tem horas que ela se sente bem como gari, pois as pessoas passam e a cumprimentam pela manhã. Outras vezes, se sente como o lixo que ela está varrendo, pois há pessoas que passam e fingem que nem enxergam os garis, não falam nem um bom dia, e ainda acham ruim deles estarem varrendo pelo caminho que eles querem passar.

Tamanho é o desejo de se fazer ouvir que, certo dia, no momento em que uma gari estava sendo entrevistada, uma colega de trabalho entrou no meio da entrevista e passou a relatar as dificuldades de seu trabalho. O entrevistador traduziu esse gesto como um “grito de desespero”, a busca de atenção para poder contar um pouco de sua história, expressar suas dificuldades e sua vontade de mudar e melhorar as condições de vida e trabalho.

Está além da nossa imaginação o que a voz e o gesto dos humilhados dão a sentir e a pensar. E se os ouvimos não em conversa rápida, mas a conversa alargada, se os ouvimos em situação que sua voz possa distender-se, possa dizer muitas coisas e não apenas o que esperamos ou permitimos ouvir, vem sempre uma lição, uma lição sobre a humilhação e a indicação de algum remédio. Quem deseje atinar com a dor de cidadãos rebaixados precisa demorar-se entre eles, precisa repetir e prolongar as visitas, precisa vê-los e ouvi-los de perto, visão e

audição que são uma cura para a nossa ignorância. (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 199).

O ideal, numa entrevista, é que as questões propostas deem ensejo a narrativas e não a respostas simples, como ocorre com os questionários fechados. Uma entrevista precisa emergir de condições que são as de uma conversa, as únicas a permitir que o depoente dedique-se livremente a uma narrativa. Em alguns depoimentos, ficam evidentes a discriminação e as circunstâncias que cercam esse tipo de trabalho:

E a discriminação é muita, muita discriminação. Tem pessoas que não dá água pra gente, não dá copo, pergunta se nós trouxe o copo. Banheiro, eles não gosta de emprestar banheiro pra gente, a gente passa necessidade, eu já passei, eu sei o tanto que é constrangedor a gente chegá e pedi “me empresta um banheiro aí?” Aí eles arruma uma série de desculpa e você não vai no banheiro, aí você tem que esperá um lugar, um bar, aí tem que ficar segurando, aí dá dor na bexiga, infecção de urina, nos rins, tudo isso aí. Não é uma firma ruim, é uma firma boa, porque o tanto de pessoas que trabalha aí, que precisa de trabalhar, ela dá oportunidade, só que tem que ter umas pessoas com uma visão mais ali, pra enxergar muita coisa que precisa ser enxergado. Falta muita assistência ainda, igual o filtro solar, pra quem trabalha das 6 até as 15, precisava de um filtro solar, porque os câncer de pele tá aí, né? É realidade. E o povo também enxergar nós como ser humano, como gente, parece que olha na gente como bicho, uai, passa, se tá tudo limpinho, agradece a gente. Primeiramente a Deus, né? E depois a nós, porque Deus dá condições de nós trabalhar e deixá a cidade limpa pro povo, pra eles cooperar também, não jogar tanto lixo igual joga na rua. Tem muito lixo na rua, parece que eles vê que a gente tá ali e joga mais. Elas acaba de varrer o terminal aqui, e na hora que elas tá descendo, já tem gente jogando lixo debaixo do banco. Isso, que a lixeira tá do lado, na frente,

mas o povo joga no chão. Gente, que isso? Cadê a mentalidade dessa pessoa?

Entrevistador: E a senhora já sofreu algum tipo de maus tratos, discriminação?

Gari: *Ah, aqui minha fia, a dona Odete foi ameaçada de bater nela dentro do banheiro. A mulher veio, veio duas vezes aqui pra ameaçá ela, fora as outras pessoas que chega aqui e fala assim que o banheiro não tá limpo. O banheiro é público, entra todo mundo, “mas e esse odor?” O odor, não tem como tirá o odor; mas o banheiro tá limpo. “Mas ceis tá aí pra limpá”, mas tá limpo, não é culpa minha, o banheiro tá limpo. Uma vez a gente causa até constrangimento porque elas fala assim: “Ceis tá aí é pra limpá, ceis ganha pra isso, é o serviço de vocês!” Teve outro dia que uma mulher veio aqui e ela diz que trabalha na prefeitura, e eu tava ali na porta, lavando a porta e ela tava ali usando o espelho, e eu, pra não cair água nela, eu peguei e desci devagarzinho com a água, e ela falou assim: “Cê não tá vendo que você tá me molhando?” Eu disse que não tava molhando ela, e não tava, eu sei o que eu tava fazendo. Aí ela falô: “Ah, isso é hora de lavá banheiro? Que hora mais ruim!” Aí eu disse que a hora de eu lavá banheiro era de manhã, então ela disse que estava prejudicando ela e que eu não passava de uma..., então falei pra ela pensar bem na palavra que ia sair de sua boca, porque eu sabia o que eu tava fazendo, e não sou diferente dela só porque sou uma gari.*

Quando indagados a respeito dos aspectos negativos da profissão, as queixas mais frequentes são relativas à inclemência do clima (sol, chuva, vento), que dificulta a realização das tarefas. “*Às veiz, quando tá muito sol, quando venta muito, porque não consigo varrer, vira tudo*”; “*Quando tá chovendo pouco, tem que trabalhar mesmo assim com uma capa, atrapalha e molha também.*”

Em passagem de sua obra, Costa (2004) chama atenção para aspectos por ele observados nos garis da Cidade Universitária, também presentes nos garis de Franca:

O primeiro impacto físico de se trabalhar como gari - anterior ao contato com as ferramentas - refere-se à irremediável exposição do corpo às variações da temperatura e condições climáticas [...] O sol, o calor e o frio, nas condições de trabalho desses homens, são para eles determinantes de preocupação, não de fruição. É como se a natureza, ela própria, contasse diariamente como realidade opressiva. (COSTA, 2004, p. 195-196).

O trabalho sob sol escaldante, sem filtro solar, o cansaço extremo, as dores nas costas, braços e ombros, a jornada de trabalho de segunda a sábado fazem parte do cotidiano dos garis, como a discriminação, bastante evidente nestas falas:

E o povo também não enxerga nós como ser humano, como gente, parece que olha na gente como bicho, uai.

Tem vez que acontece algumas coisa que não agrada, mas sempre dá jeito, né? Num gosto quando eu deixo a rua limpinha e vem alguém já sujando tudo, fico triste, porque parece que eles num dão valor no meu trabalho. Mas agora já costumei um pouco, sei que na maioria das vez vai sê assim. Tem vez que eles joga o lixo assim na minha cara, num tem vergonha, não. Oia como é esse pessoal: parece que pra eles eu num tô ali.

O trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. A atividade profissional, além de constituir a fonte de recursos materiais, é, sobretudo, a entrada do sujeito no universo de construção da identidade social. Na sociedade capitalista, onde a identificação da pessoa se faz através da função que ela desempenha, onde o prestígio advém do lugar que o indivíduo ocupa no processo de produção, os que são obrigados a se engajar em ocupações não valorizadas sofrem discriminação.

A propósito, em estudo que se tornou clássico, Halbwachs (1955) evidencia a função socializadora das classes sociais:

(...) Assim, à medida que avançávamos, fomos constatando que não se nasce camponês, grande ou pequeno proprietário, trabalhador agrícola, (...). Mas, em contrapartida, estas categorias existem (...) bem marcadas quando se passa das classes rurais às classes urbanas, dos operários aos que não o são; (...) cada uma delas imprime-lhes a sua marca, marca própria e distinta para cada grupo, com tal força, que os homens que fazem parte de classes sociais diferentes (...) parecem por vezes pertencer a espécies diferentes. (HALBWACHS, 1955, p. 210, apud ROCHER, 1971, p. 63).

Pesquisa divulgada pela Folha de São Paulo (2012), realizada na cidade de S. Paulo pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos (DIEESE), quando foram ouvidos 1.851 coletores de lixo, varredores, auxiliares de limpeza e jardineiros, revelou que a categoria dos garis é a que sofreu mais preconceito. Uma em cada quatro pessoas que trabalham com limpeza já sofreu discriminação. Entre os garis, são 42%. Na escala hierárquica de profissões, as que envolvem o “sujar as mãos” ocupam o lugar mais baixo.

Discorrendo a respeito do sentimento de humilhação que invade os que se ocupam do “trabalho simples” (tarefas reservadas aos pobres, como varrer, lavar, embalar lixo, fazer camas), Costa (2004) diz que não existem, rigorosamente falando, os humilhados: “existem experiências de humilhação, curtidas em carne e espírito”, sensação que age como golpe externo, mas que vai para dentro e segue agindo por dentro. Segundo ele, é este fato externo-interno que caracteriza a psicologia do oprimido. “O ofício de gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas: *a invisibilidade pública* – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (COSTA, 2004, p. 57).

A sensação de estar invisível surge constantemente para esses trabalhadores, e esse sentimento é vivenciado de forma

crônica, persistente. Nesse tipo de trabalho, não aparecem as pessoas, meramente as funções: “*Tem vez que ele joga o lixo assim na minha cara, num tem vergonha, não. Oia como é esse pessoal: parece que pra eles eu num tô ali*”.

Jamais são consultados sobre quais deveriam ser as empreitadas mais urgentes. Também não lhes é dada a oportunidade de escolher as ferramentas de trabalho. A mudança da vassoura para o vassourão, já referida anteriormente em depoimento, foi acompanhada de transtornos para a execução da tarefa, bem como de muitas queixas:

Precisa mudar o negócio desse vassourão que eles ‘dero’ pra nós agora, que dói o braço tudo. Quando era a vassoura, ela ainda dava, e a gente não mexia tanto os braço. Esse vassourão é ‘manero’, mas o braço, chega de tarde, a gente não consegue mexer. Isso eu queria que eles mudasse, o material.

E a vassoura mudou, em vez de ser uma vassoura só, agora é o vassourão, e tá muito pesado, principalmente pra mulher; muitas já tá com problema de coluna (...) Os carro encosta numa beiradinha, e onde nós vai enfiar o vassourão ali?

Ajornada de trabalho e os deslocamentos acabam invadindo parte do tempo livre e, no caso das mulheres, se fosse possível desfrutar dele um pouco mais, seria dedicado aos cuidados com a casa e a família. “*Ficava na minha casa, cuidava mais da minha casa, tomava conta da minha filha, porque sinto saudade dela*”.

O fato de trabalharem para a sobrevivência leva-os a terem como maior receio o de serem acometidos por alguma doença que os prive do trabalho. Lúcia Ribeiro de Souza e Renato Veras (1982), analisando as condições de vida e de trabalho da população brasileira, afirmam que uma apreciável parcela, sobretudo os moradores das favelas e das periferias das grandes cidades, não chega a ter, na realidade, uma experiência concreta do que seja saúde.

Em face das carências que atingem as camadas menos favorecidas, como o estado de desgaste e cansaço excessivo, vinculados especialmente ao peso do trabalho e à insuficiência

de repouso; o regime alimentar, não só quantitativa, mas também qualitativamente deficiente; a tensão permanente ligada à preocupação com a insuficiência do salário; enfim, as condições de trabalho, transporte e moradia, juntas, fazem com que os setores populares tenham seu processo de saúde/doença diferenciado em relação aos demais setores da sociedade.

Segundo os autores, a questão da doença pode ser pensada em três dimensões: *estar doente* – a instauração de um processo patológico, constatado clinicamente pelo médico; *sentir-se doente* – percepção da doença pelo próprio doente; *poder ficar doente* – possibilidade que o doente tem de obter tratamento adequado – o que implica afastamento total ou parcial do trabalho. Assim, numa sociedade como a nossa, em que a grande maioria da população tem o corpo como instrumento de trabalho para garantir sua subsistência, entre os setores populares, a doença representa ameaça tanto à saúde quanto à capacidade produtiva (VERAS, 1982, p. 11).

Nada mais oportuno para concluir este tópico, que recorrer às palavras de Fernando Braga da Costa, o psicólogo que assumiu o ofício de gari e que, num esforço partilhado com garis contratados pela Prefeitura da Cidade Universitária (USP), sujeitou seu corpo para a apreensão dessa realidade. Durante nove anos, uma vez por semana, trabalhou, testemunhou e vivenciou situações de uma ocupação inumana e mal paga, a qual, segundo ele, “mobilizou afetos e pensamento”.

O homem que é gari torna-se *estrangeiro* dentro de si mesmo. A criatividade, que crescera fabricando papagaios e inventando brincadeiras sem brinquedo, atrofia-se (...). O homem que é gari deixa de aparecer como homem, no sentido largo e intenso do termo (...) Um dia a saúde falece, definitiva e precocemente. O corpo é surrado, sugado, machucado, infestado: a única empresa do trabalhador vai falindo. E a alma – humilhada, comprimida, aviltada, destroçada – permanece (...). Segregados no mundo, os garis estão segregados também dentro de si mesmos. (COSTA, 2004, p. 206).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu trazer à tona enfrentamentos, valores e expectativas de um grupo social que, até então silenciado pela própria condição de sua origem social, teve a oportunidade de contar com ouvidos e olhar atentos que se voltaram para a compreensão de sua realidade.

A relação de confiança, respeito e cordialidade estabelecida entre pesquisador-pesquisado permitiu desvendar aspectos relevantes desse universo que só a pesquisa etnográfica pode alcançar. Entre eles, a irremediável exposição do corpo às variações de temperatura e à inclemência do clima, o contato direto com o lixo – lixo não produzido por eles – são fatores acompanhados por um agudo componente de humilhação, fenômeno histórico construído e reconstruído ao longo dos séculos, determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. Compenetrados, cabisbaixos, dobrados pelo cansaço, invisíveis como pessoa, sofrem a discriminação de um trabalho degradante para o corpo e para a alma.

A camaradagem e a amizade entre os companheiros de trabalho – parceiros pobres como eles, vivenciando cotidianamente privações e enfrentamentos próprios de sua condição socioeconômica – atenuam esse ofício que os segrega como se fora uma outra humanidade.

Acometidos pela invisibilidade pública, o desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens – “*Tem vez que eles joga o lixo assim na minha cara (...) parece que pra eles eu não tô ali*”, – e pela humilhação social – “- *Gostaria que mudasse a diferença do povo. Parece que ninguém dá valor em nós*”, – a desqualificação e a discriminação que pesam sobre os garis estão presentes em todos os relatos.

Esta pesquisa, além de desvendar aspectos da luta de trabalhadores discriminados pelo estigma da profissão, ofereceu aos alunos que participaram da coleta dos dados a oportunidade de, em contato direto com uma realidade diversa da sua, ampliarem horizontes de compreensão do universo do outro e reavaliarem o seu.

Os resultados reafirmam exemplarmente a abissal desigualdade social existente em nossa sociedade, na qual a grande maioria da população vivencia o drama das marcas de sua origem e herança social, sofrendo os reflexos da hierarquia valorativa que divide seres humanos em superiores e inferiores, melhores e piores.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. (Org.). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In: _____. **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 382.

BOSI, E. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. J. (Orgs.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez; Moraes/EDUC, 1979, p. 25-43.

CHAMMÉ, S. J. **Saúde**: um processo em constante construção. 1997, 307f. Tese Livre-docência. Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP. Marília, 1997.

COSTA, F. B. da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004. p. 254.

Estudo detalha “invisibilidade” dos garis. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 de jan. 2012. Caderno Ribeirão, p. C6.

GONÇALVES FILHO, J. M. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, Ana M. B. (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 193-239.

_____. Prefácio. In: **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004, p. 9-47.

IANNI, O. A mentalidade do homem simples. **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 18, p. 113-117, mar./abr. de 1968.

LOPES, D. A. **Trabalhador sem teto e habitação provisória:** vivências acerca dos processos de perda da moradia urbana. 1997 210f. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. Casa, despejo e cultura do habitar. **Cadernos Ceru.** São Paulo, série 2, n. 13, p. 193-209, 2002.

MARTINS, J. de S. **Capitalismo e tradicionalismo:** estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975. p. 161.

_____. A sociologia que examina as margens, os sonhos e a esperança. In: **Pesquisa.** FAPESP, São Paulo, n. 147, p. 8-15, maio de 2008.

ROCHER, G. **Sociologia Geral 2.** Lisboa: Editorial Presença, 1971. p. 133.

SOUZA, J. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 396.

SOUZA, L. R.; VERAS, R. Ideologia e saúde. In: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Saúde e trabalho no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1982, p. 11-14.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1980. p. 270.